

KYUNG-SOOK SHIN

POR FAVOR CUIDA
DA MAMÃ

Tradução de José Vieira de Lima

Há uma semana que a mãe desapareceu.

A família está reunida na casa do teu irmão mais velho, Hyong-chol, mergulhada numa grande agitação; todos dão sugestões. Por fim, decidem fazer folhetos e distribuí-los no local onde a tua mãe foi vista pela última vez. A primeira coisa a ter em conta – nesse ponto, todos concordam – é a concepção do folheto. Claro que um folheto é uma resposta antiquada a uma crise como esta. Mas há umas quantas coisas que a família de uma pessoa desaparecida pode fazer, e a pessoa desaparecida é, nem mais nem menos, a tua mãe. Tudo o que vocês podem fazer é preencher um daqueles impressos da polícia participando o desaparecimento, procurar na zona, perguntar aos transeuntes se viram alguém parecido com ela. O teu irmão mais novo, que tem uma loja de roupas *online*, diz que enviou *e-mails* sobre o desaparecimento da mãe, descrevendo o local onde ela desapareceu; colocou a fotografia dela e pediu às pessoas que contactassem a família se por acaso a tivessem visto. Vocês querem ir procurá-la em locais onde acham que ela pode estar, mas, ao mesmo tempo, sabem como ela é: nesta cidade, a vossa mãe não é capaz de ir sozinha a sítio nenhum. Hyong-chol diz que tu é que tens de fazer o texto do folheto, visto que tu ganhas a vida a escrever. Tu enrubesces, como se tivesses sido apanhada a fazer algo que não devias. Duvidas que as tuas palavras possam ajudar a encontrar a tua mãe.

Quando escreves 24 de Julho de 1938 como sendo a data de nascimento da tua mãe, o teu pai corrige-te. Diz-te que ela nasceu em 1936. Os registos oficiais dizem que ela nasceu em 1938, mas, afinal, pelos vistos, nasceu em 1936. É a primeira vez que ouves falar de tal coisa. O teu pai diz que, naqueles tempos, toda a gente fazia isso. Como muitas crianças não sobreviviam aos primeiros três meses, só ao fim de alguns anos é que os pais tornavam o seu nascimento oficial. Quando estás prestes a substituir 38 por 36, Hyong-chol diz que tens de escrever 1938 porque essa é que é a data oficial. Não achas que seja necessária uma exactidão tão grande, quando o que vocês estão a fazer são apenas folhetos por assim dizer caseiros, quando, de facto, vocês não estão num qualquer departamento governamental a comunicar o desaparecimento da vossa mãe. Mas tu, obedientemente, riscas 36 e escreves 38, e interrogas-te se 24 de Julho será mesmo o dia de aniversário da tua mãe.

Há alguns anos, a tua mãe disse: – Não temos de celebrar o meu aniversário separadamente. – O aniversário do teu pai é um mês antes do da tua mãe. Tu e os teus irmãos e sobrinhos e outros parentes iam sempre à casa dos pais em Chongup para as festas de aniversário e outras celebrações. Ao todo, a família mais próxima era constituída por vinte e duas pessoas. A mãe adorava quando todos os seus filhos e netos se juntavam e faziam uma revolução numa casa por norma tão sossegada. Poucos dias antes de toda a família aparecer, ela fazia *kimchi*¹, ia ao mercado comprar carne, e não se esquecia das escovas e pastas de dentes extra. Preparava óleo de sésamo e tostava e moía sementes de perila e sésamo e, antes da despedida, dava a todos os filhos um boião. Enquanto aguardava pela chegada da família, a tua mãe andava sempre numa grande animação; quando falava com vizinhos ou conhecidos, os seus gestos e palavras revelavam bem o orgulho que sentia. No anexo junto à

¹ Prato tradicional coreano com diversos legumes fermentados que está presente em quase todas as refeições. (*N. do T.*)

casa, a mãe guardava garrafas de vidro de todos os tamanhos que enchia de sumo de ameixa ou de morangos silvestres, que fazia todos os anos na época adequada. Os potes da mãe quase transbordavam de uns minúsculos peixes parecidos com a corvina ou de pasta de anchovas ou ameijoas fermentadas – a ideia dela era enviar aqueles alimentos para a família que vivia na cidade. Quando ouviu dizer que a cebola era boa para a saúde, começou a fazer sumo de cebola, e, antes da chegada do Inverno, fazia sempre sumo de abóbora com extracto de alcaçuz. A casa da tua mãe era como uma fábrica; ela fazia molhos e pasta de feijão fermentada e descascava arroz; preparava conservas que davam para a família toda o ano inteiro. A certa altura, as viagens dos filhos a Chongup tornaram-se menos frequentes, e os teus pais começaram a ir a Seul mais amiúde. Até que começaram a celebrar cada um dos seus aniversários com um jantar num restaurante. Era mais fácil. Um dia, a mãe chegou mesmo a sugerir: – Vamos celebrar o meu aniversário no dia dos anos do teu pai. – Disse que seria um fardo celebrar separadamente os aniversários, dado que ambos calhavam no pico do Verão, quando havia também dois ritos ancestrais com apenas dois dias de diferença. De início, a família recusou. Ela insistiu, mas a família continuou a recusar. E se por acaso ela não podia ir à cidade, alguns iam a Chongup celebrar com ela. Depois, todos começaram a dar a prenda à mãe no dia de anos do pai. Até que, por fim, sem se dar por isso, a festa de aniversário da mãe passou para segundo plano. A mãe, que gostava de comprar meias para todos os membros da família, tinha na sua cómoda uma colecção cada vez maior de meias que os filhos não levavam.

NOME: Park So-nyo

DATA DE NASCIMENTO: 24 de Julho de 1938 (69 anos)

ASPECTO FÍSICO: Baixa, cabelo grisalho (usa permanente), maçãs do rosto salientes, da última vez que foi vista envergava uma camisa azul-celeste, um casaco branco e uma saia plissada bege.

VISTA PELA ÚLTIMA VEZ NA ESTAÇÃO DO METRO DE SEUL

Ninguém é capaz de decidir que fotografia da mãe é que devem usar. Toda a gente concorda que deveria ser a mais recente, mas ninguém tem uma fotografia recente dela. Tu lembras-te de que, a certa altura, a mãe começou a manifestar uma aversão muito forte a que lhe tirassem fotografias. Mesmo quando se tratava de retratos de família, arranjava uma maneira de se escapular. A fotografia mais recente da mãe é um retrato de família que foi tirado na festa do septuagésimo aniversário do teu pai. Estava muito bonita, com um *hanbok*² azul-claro, o cabelo muito bem penteado pois fora à cabeleireira, e até usava *bâton* vermelho. O teu irmão mais novo acha que a tua mãe está com um aspecto completamente diferente daquele que tinha quando desapareceu. Acha que as pessoas não a conseguirão identificar. Nem mesmo que a sua imagem seja isolada e ampliada. Refere que quando colocou no *e-mail* esta fotografia, as pessoas lhe responderam: «A tua mãe é tão bonita... Não parece nada o tipo de pessoa que, em princípio, se perderia na cidade...» Decidem ver se alguém tem outra fotografia da mãe. Hyong-chol diz-te que escrevas mais qualquer coisa no folheto. Quando o olhas fixamente, ele diz-te para pensares em frases mais incisivas, em frases capazes de comover as pessoas. Palavras capazes de comover as pessoas? Quando tu escreves *Por favor ajude-nos a encontrar a nossa mãe*, ele diz-te que é demasiado banal. Quando escreves *A nossa mãe desapareceu*, ele diz-te que «mãe» é demasiado formal, e acrescenta que deves escrever «mamã». Quando escreves, *A nossa mamã desapareceu*, ele decide que é demasiado infantil. Quando escreves, *Por favor contacte-nos se vir esta pessoa*, ele brada: – Mas que raio de escritora és tu? – Não encontras uma única frase capaz de satisfazer Hyong-chol.

O teu segundo irmão mais velho diz: – Se escreveres que há uma recompensa para quem tiver informações, de certeza que comoves as pessoas.

² Traje tradicional da Coreia, caracterizado por cores vibrantes e linhas simples. (N. do T.)

Quando tu escreves *Recompensaremos generosamente qualquer informação válida*, a tua cunhada diz que não podes escrever isso: as pessoas só reparam quando se refere uma soma específica.

- Então quanto é que ponho?
- Um milhão de won?
- Não chega.
- Três milhões de won?
- Acho que ainda é muito pouco...
- Então, cinco milhões de won.

Ninguém protesta contra os cinco milhões de won. Tu escreves *Recompensaremos qualquer informação válida com cinco milhões de won*, e pões um ponto final. O teu segundo irmão mais velho diz que devias escrever simplesmente isto: *Recompensa: 5 milhões de won*. O teu irmão mais novo diz-te que ponhas *5 milhões de won* num tipo de letra maior. Toda a gente concorda quanto a mandar-te uma fotografia melhor da mãe se por acaso a encontrarem. Tu ficas encarregada de acrescentar mais pormenores ao texto e de fazer cópias, e o teu irmão mais novo oferece-se para ir buscar os folhetos e para os distribuir por todos os membros da família. Quando tu sugeres: – Podíamos contratar alguém para distribuir os panfletos, Hyong-chol diz: – Nós é que temos de fazer isso. Distribuímos-los sem a ajuda de ninguém, sempre que tenhamos tempo livre durante a semana, e todos juntos ao fim-de-semana.

Tu protestas: – A esse ritmo, como é que nós vamos encontrar a mãe?

– Nós não podemos dar a tarefa a outros e ficar parados à espera – riposta Hyong-chol. – Já estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance.

– Tudo o que está ao nosso alcance? Achas que sim?

– Pusemos anúncios no jornal.

– Então quer dizer que fazer tudo o que está ao nosso alcance é comprar espaço nos jornais?

– Então o que é que tu queres fazer? Não trabalhamos amanhã e deambulamos o dia todo pelas ruas da cidade à procura da mãe? Se conseguíssemos encontrar a mãe dessa maneira, podes crer que o faria.

Deixas de discutir com Hyong-chol porque te apercebes de que, como sempre fazes, estás a pressioná-lo no sentido de ser ele a cuidar de tudo. Deixam o pai em casa de Hyong-chol e seguem todos para as respectivas casas. Se não partissem nesse preciso momento, a discussão ficaria ainda mais azeda. Há uma semana que não fazem outra coisa senão discutir. Encontram-se para debater a questão de como encontrar a vossa mãe, e, sem mais nem menos, um dos irmãos desata a escavar no passado e a trazer ao de cima as ofensas ou desfeitas que os outros terão feito à mãe. As coisas que tinham sido suprimidas, que tinham sido cuidadosamente evitadas momento após momento, ganham uma dimensão colossal, e vocês acabam todos a gritar e a fumar, até que, irados, batem com a porta e disparam a caminho de casa.

Quando soubeste que a tua mãe desaparecera, perguntaste, furiosa, porque é que ninguém de uma família tão numerosa fora buscar os pais à estação de Seul.

– E tu? Onde é que tu estavas?

Eu? Calaste-te. Só passados quatro dias é que soubeste do desaparecimento da tua mãe. Todos se culparam uns aos outros pelo desaparecimento da mãe e todos sentiram uma profunda mágoa.

Depois de deixares a casa de Hyong-chol, apanhas o metro para casa, mas saís na estação de Seul, aquela onde a tua mãe desapareceu. São tantas as pessoas que passam por ti e que te roçam os ombros enquanto tu avanças para o local onde a tua mãe foi vista pela última vez... Olhas para o teu relógio. Três horas. A mesma hora em que a tua mãe se perdeu. Ficas parada na plataforma, onde a multidão separou de rompante a tua mãe do teu pai, e as pessoas passam por ti aos empurrões. Ninguém te pede desculpa. Quando a tua mãe estava ali sozinha, sem saber o que fazer, as pessoas tê-la-iam empurrado exactamente da mesma maneira.

Até onde chega a memória de uma pessoa? A tua memória da tua mãe?

Desde que soubeste do desaparecimento dela que não consegues concentrar-te num único pensamento; sentes-te constantemente cercada por memórias que já estavam apagadas há muito

tempo e que, inopinadamente, emergem. E a mágoa que vem sempre com cada uma dessas memórias... Há uns bons anos, poucos dias antes de teres deixado a tua cidade natal e partido para a grande cidade, a tua mãe levou-te a uma loja de roupa no mercado. Escolheste um vestido simples, mas ela propôs-te outro com folhos na bainha e nas alças. – Então e que me dizes deste?

– Não – respondeste, afastando o vestido.

– Porque não? Experimenta vesti-lo e logo vê. – A tua mãe, nessa altura ainda uma mulher nova, arregalou os olhos, sem entender minimamente a tua reacção. O vestido cheio de folhos estava a anos-luz de distância do pano sujo com que a tua mãe envolvia sempre a cabeça, o pano que ela, como outras mulheres que trabalhavam na agricultura ou com animais, usava para limpar o suor da testa enquanto labutava.

– É infantil.

– Achas? – disse a tua mãe, mas continuou a examiná-lo como se não quisesse ir-se embora sem ele. – Se fosse a ti, experimentava-o.

Como te sentiste mal por teres dito que o vestido era infantil, acrescentaste: – Mãe, este vestido nem sequer corresponde ao tipo de vestidos de que tu costumavas gostar...

– Não – retorquiu a tua mãe. – Por acaso até gosto deste tipo de vestidos. Só que nunca pude usá-los.

Devia ter experimentado aquele vestido. Agachas-te no sítio onde a tua mãe provavelmente fez o mesmo. Poucos dias depois de teres insistido em comprar o vestido simples, chegaste a esta mesma estação com a tua mãe. Apertando-te a mão, avançou pelo mar de gente de uma forma que teria intimidado até aqueles edifícios autoritários que se erguiam nas alturas perto da estação, e atravessou a praça num passo decidido a fim de esperar por Hyong-chol sob a torre do relógio. Como é que uma pessoa como ela podia ter desaparecido? Mal os faróis do comboio penetram na estação, as pessoas avançam apressadas, olhando de relance para ti que estás sentada no chão, talvez irritadas pelo facto de constituíres mais um obstáculo no caminho delas.

*

Quando a multidão arrancou a mão da tua mãe da do teu pai, tu estavas na China. Estavas com outros escritores na Feira do Livro de Pequim. Quando a tua mãe se perdeu na estação de Seul, tu estavas a folhear uma tradução chinesa do teu livro.

– Pai, porque é que não apanhou um táxi? Se não tivesse ido de metro, isto nunca teria acontecido!

O teu pai disse que tinha pensado: «Porquê apanhar um táxi se há uma ligação entre a estação dos comboios e a estação do metro?» Há momentos que uma pessoa revisita depois de algo ter acontecido, especialmente quando se trata de uma coisa má. Momentos em que uma pessoa pensa: «Eu não devia ter feito aquilo.» Quando o teu pai disse aos teus irmãos que ele e a mãe iriam sozinhos até à casa de Hyong-chol, porque é que os teus irmãos os deixaram fazer isso, ao contrário do que sempre fora costume? Quando os teus pais iam a Seul, estava sempre alguém a esperá-los na estação de Seul ou no terminal dos autocarros e depois levava-os para casa. O que é que levou o teu pai, que se metia sempre no carro de alguém da família ou num táxi quando chegava à cidade, a decidir apanhar o metro naquele dia concreto? Os teus pais correram para o comboio que tinha acabado de chegar. O teu pai entrou na carruagem, e, quando olhou para trás, a tua mãe não estava lá. Ainda por cima, era uma tarde de sábado com muito movimento. A multidão afastara-os e arrastara a tua mãe e o comboio partiu sem que ela conseguisse orientar-se. O teu pai levava a carteira da tua mãe. Assim, quando a tua mãe se viu sozinha na estação de metro sem nenhum dos seus pertences, tu estavas a sair da Feira do Livro, caminhavas talvez na direcção da Praça Tiananmen. Era a terceira vez que ias a Pequim, mas nunca tinhas pisado a Praça Tiananmen, limitaras-te a observá-la de um carro ou de um autocarro. O estudante que servia de guia ao teu grupo ofereceu-se para os levar até lá antes do jantar e o teu grupo achou que era uma boa ideia. O que é que a tua mãe poderia estar a fazer, ali, sozinha na estação de Seul, enquanto tu saías do táxi em frente da Cidade Proibida? O teu grupo entrou na Cidade Proibida, mas saiu logo. Tinham chegado escassos minutos antes do fecho, e, além disso, a Cidade só estava parcialmente aberta, visto que se encontrava em obras. Toda a cidade de Pequim estava em obras – preparava-se para receber os Jogos Olímpicos no

ano seguinte. Lembraste-te da cena de *O Último Imperador* em que Puyi, já velho, regressa à Cidade Proibida, o lar da sua infância, e mostra a um jovem turista uma caixa que escondera no trono. Quando levanta a tampa da caixa, o seu grilo de estimação de quando era rapaz ainda lá está dentro, ainda está vivo. Quando te preparavas para seguir para a Praça Tiananmen, a tua mãe permanecia ainda de pé no meio da multidão, perdida, à mercê dos encontros da multidão? Estaria à espera de que alguém a fosse buscar? A estrada entre a Cidade Proibida e a Praça Tiananmen também estava em obras. Podias ver a praça, mas só lá podias chegar através de um intrincado labirinto. Enquanto observavas os papagaios de papel flutuando no céu da Praça Tiananmen, a tua mãe, desesperada, podia ter sucumbido no corredor do metro, gritando pelo teu nome. Enquanto vias os portões de aço da Praça Tiananmen a abrir-se e um esquadrão da polícia a sair e a marchar, as pernas erguidas bem alto, para arriar a bandeira vermelha das cinco estrelas, a tua mãe erraria certamente pelo labirinto da estação de Seul. Tu sabes que isto é verdade porque foi o que as pessoas que na altura se encontravam na estação te disseram. Disseram que viram uma velha caminhando muito lentamente, uma velha que, por vezes, se sentava no chão ou ficava parada, o olhar ausente, junto às escadas rolantes. Algumas pessoas viram uma velha sentada na estação durante muito tempo, uma velha que depois apanhou um comboio. Poucas horas depois de a tua mãe ter desaparecido, tu e o teu grupo apanharam um táxi que os levou pela noite da cidade até às luzes e ao bulício da rua das bancas de comida³, e, reunidos sob as luzes vermelhas, provaram uma bebida alcoólica chinesa com 28 graus e comeram caranguejos acabados de sair da frigideira cheia de óleo picante.

*

³ Esta rua, conhecida em inglês como Snack Street, faz parte do mercado nocturno de Wangfujing e as bancas apresentam pratos particularmente exóticos para o gosto ocidental e outros mais comuns. (*N. do T.*)

O teu pai saiu na paragem seguinte e voltou à estação de Seul, mas a tua mãe já não estava lá.

– Como é que ela se foi perder assim, só por não ter apanhado o mesmo comboio? Há sinais espalhados por toda a estação. A tua mãe sabe fazer um telefonema. Podia ter ligado de uma cabina. – A tua cunhada insistia que tinha acontecido qualquer coisa à tua mãe, que não fazia sentido que ela não conseguisse encontrar a casa do seu próprio filho só por não ter apanhado o mesmo comboio que o teu pai. Aconteceu-lhe alguma coisa de certeza. Esse era o ponto de vista de alguém que não queria aperceber-se dos problemas de saúde da tua mãe.

– Mas a minha mãe podia mesmo ter-se perdido – disseste tu, e a tua cunhada arregalou os olhos, surpreendida. – Sabes bem como é que a minha mãe tem estado ultimamente – explicaste tu, e a tua cunhada fez um trejeito, como se não fizesse a menor ideia do que é que tu estavas a falar. Mas a tua família sabia como é que a tua mãe andava ultimamente. E sabia que podia não a encontrar.